CONJUNTURA ECONÔMICA

HOMENAGEM A UM GÊNIO

EXTINGUIU-SE uma luz no firmamento intelectual do Brasil: desapareceu Mario Henrique Simonsen.

Convivi com ele durante mais de 50 anos, no seio dessa Fundação Getúlio Vargas a cujo nascimento juntos assistimos. Achava-me ausente do Rio de Janeiro quando de seu falecimento, não havendo podido, portanto, assistir às suas exequias. Sejam estas linhas a minha última homenagem, em lugar das flores que não pude lançar sobre sua sepultura.

Mario Henrique manifestou desde menino os sinais do gênio — a começar pelo gênio matemático. Manuel Fernando Thompson Motta, que foi seu condiscípulo no Colégio Santo Inácio, contava-me quanto Mario assombrava os bons jesuítas pela irreverência, às vezes a insolência, ou, pior ainda, a condescendência com que tratava os seus mestres de matemática. Esse gênio matemático, e o raciocínio matemático que é feito da pura essência da lógica e que não admite fantasias, ilusões nem distorções, ele transportou para outros campos do conhecimento humano.

No campo da economia, ele veio a integrar, com Eugênio Gudin e Octávio Gouveia de Bulhões, uma tríade de talentos excepcionais, raciocinando em linhas identicas e animados por um igual patriotismo, unido a um igual despreendimento de vaidades humanas como de vantagens materiais.

O professor Eugênio Gudin, mestre e amigo de Mario, foi um dos maiores gênios do seu tempo e de todos os tempos no Brasil. Sobre ele desceu um espírito profético de laciniancio luzidex: tudo o que predisse ocorreu implacavelmente, inclusive as questões das diversas batalhas que, através das décadas, desviaram a política econômica e industrial brasileira dos caminhos do bom senso e da reta razão. Como Gudin, Mario Henrique não apreciava os curandeiros econômicos, os fazedores de milagres, os ilusionistas prontos a tirar coelhos da cartola.

Mario usava muitas vezes de comparações em termos musicais; a música era parte de sua vida, tinha para com ele extraordinária paixão, que o levou a lutar por muitos anos, com extrema dedicação, pela sobrevivência, aperfeiçoamento e prestígio da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi presidente até morrer, substituído agora por Roberto Paulo Cezar de Andrada, que continuará com igual dedicação a sua obra. Mario, patrocinador da música simfônica no Brasil, era também um apaixonado pela música lírica — e nesse terreno os nossos gostos coincidiam. Dotado de uma excelente voz de barítono, em momentos de convívio informal cantava com brio e competência trechos de ópera.

Em Brasília, quando lá serviu e sofreu como ministro da Fazenda, Mario Simonsen constituía uma singular exceção entre a fauna burocrática brasileira. Um quarteto de século vivido como executivo de empresas deu-me a penosa experiência, que é a de todos os empresários, a de viajar até a cidade sagrada, onde se concentra o poder decisório nacional, expor um assunto a um alto funcionário e receber a estereotipada resposta de que "o assunto vai ser estudado", ou "o assunto vai ser analisado". Não assim com o ministro Mario Henrique Simonsen. Em geral, ele já conhecia o assunto que lhe era levado; quando não, a sua poderosa inteligência permitia-lhe captar a essência da questão, e desde logo sugeria-lhe a solução possível.

Nisso, Roberto Campos parecia-se com Mário Simonsen: como ministro, não foi um conversador, foi um planejador prático e um executor rápido. Por isso, ele e seu companheiro de equipe Octávio de Bulhões puderam, em curtosíssimo tempo, tirar o Brasil da falência na qual já estava afundando.

Mário Moreira Alves, no artigo que dedicou à memória de Mario Henrique Simonsen, encontrou o mot juste para definir-lo: ele foi um "mestre de pensar". Lá estava que alguns alunos, que deveriam haver aprendido com ele, hajam faltado às aulas.

Certa vez, encontrei Mario no momento em que regressava ele de uma viagem à Itália. Contou-me que havia assistido a um festival de ópera em uma cidade de província. O ponto alto de certa ópera era uma ária na qual o tenor devia sustentar uma nota difícilíssima, um doce de peito altíssimo. O artista, porém, não conseguiu o efeito musical esperado: silêncio glacial da platéia desapontada, quebrado por um grito partidário das torriquinhas: "Intelee! Não é cosi! É cosi!" e lá veio a nota perfeita, pura, cristalina. "Pena", concluiu Mario, "que eu não posso gritar isso agora lá em Brasília."

Minha fraca memória não me permite recordar em que ano ocorreu esse encontro. Não sei, portanto, quem era no momento o czar de nossa economia, a quem Mário Simonsen parecia referir-se.

M. Pio Corrêa

MARÇO DE 1977 • CONJUNTURA ECONÔMICA